

**Num fio lateral, os chineses estão a chegar**

## **ÍNDICE DE CONTEÚDOS**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Prefácio</b>   | <b>3</b>  |
| <b>Capítulo 1 Introdução</b>  | <b>9</b>  |
| <b>Capítulo 2 Marcos históricos e Imperia</b>                                   | <b>15</b> |
| <b>Capítulo 3 A Ásia Central, elo importante da(s) Rota(s) da Seda</b>          | <b>29</b> |
| <b>Capítulo 4 Antiga(s) Rota(s) da Seda</b>                                     | <b>35</b> |
| <b>Capítulo 5 Nova(s) Rota(s) da Seda</b>                                       | <b>47</b> |
| <b>Capítulo 6 Decadência e abuso de poder nos EUA e na UE</b>                   | <b>56</b> |
| <b>Capítulo 7 A China e os seus vizinhos no Sudeste Asiático</b>                | <b>67</b> |
| <b>Capítulo 8 China e Índia</b>   | <b>69</b> |
| <b>Capítulo 9 Impacto da(s) Nova(s) Rota(s) da Seda e a Rússia</b>              | <b>70</b> |
| <b>Capítulo 10 Nova(s) Rota(s) da Seda e África, Irão e Turquia</b>             | <b>72</b> |
| <b>Capítulo 11 A(s) Nova(s) Rota(s) da Seda e a América do Sul e Central</b>    | <b>79</b> |
| <b>Capítulo 12 Nova(s) Rota(s) da Seda e perspectivas futuras para os EUA</b>   | <b>83</b> |
| <b>Capítulo 13 Nova(s) Rota(s) da Seda e perspectivas futuras para a Europa</b> | <b>86</b> |
| <b>Capítulo 14 Alguns cenários futuros</b>                                      | <b>89</b> |
| <b>Capítulo 15 Neoliberalismo e capitalismo de Estado</b>                       | <b>91</b> |
| <b>Capítulo 16 Epílogo</b>  | <b>96</b> |

## PREÂMBULO

O mundo está a roncar e as guerras estão no ar. No final de 2021, planeei deixar de escrever livros durante alguns anos e quis concluir uma série de 10 livros com um livro sobre a alteração do equilíbrio geopolítico de forças, parcialmente baseado no plano diretor chinês para a(s) nova(s) Rota(s) da Seda. A minha principal justificação para este tema foi a convicção que tinha na altura (e continuo a ter agora) de que o equilíbrio de forças económico e militar vai mudar drasticamente nas próximas décadas e que o mundo monopolar, no qual os EUA têm dominado desde o final da 2ª Guerra Mundial, será substituído por um mundo multipolar, no qual a Eurásia e, especialmente, a China, a Rússia e a Índia são centrais.

Além disso, estava e estou convencido de que a maior parte das pessoas no Ocidente não se apercebe totalmente do impacto desta convulsão e de que os EUA não aceitarão tal desenvolvimento de ânimo leve e farão tudo o que for possível para frustrar este plano diretor estratégico (iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota") iniciado pela China. Foi o sábio general ateniense Tucídides que já previu, há cerca de 2400 anos, que uma potência dominante (no seu tempo, Atenas e, no nosso tempo, os EUA) não tolerará uma potência em ascensão (no seu tempo, Esparta e, mais tarde, Siracusa e, no nosso tempo, a China) sem luta e que isso conduz quase sempre a guerras em grande escala.

Vivemos no ano 2023 num mundo muito turbulento e extremamente perigoso e em vários locais do mundo existem (potenciais) casus belli que podem ser (in)diretamente relacionados com estas relações de poder em mudança. A guerra por procuração na Ucrânia é um bom exemplo. Tendo vivido na Ucrânia durante anos, conheci bem este país e, em fevereiro de 2014, quando lá fiquei, já previa a atual guerra por procuração durante o golpe de Estado dirigido pelos EUA, conhecido como a revolução de Maidan. Taiwan é outro desses pontos quentes.

Durante mais de 100 anos, o potencial económico da Eurásia foi um verdadeiro pesadelo para as elites do poder nos países anglo-saxónicos. A ideia de países como a Alemanha, a Rússia e a China formarem um tandem económico é um terror para elas. Várias guerras no século passado desenrolaram-se neste tabuleiro de xadrez geopolítico. Foi o falcão polaco-americano Zbigniew Brzezinski que, no seu livro *The Grand Chessboard (O Grande Tabuleiro de Xadrez)*, em 1997, lançou as bases da visão estratégica da Eurásia dos Neocons americanos.

Na altura, era o influente conselheiro de segurança dos EUA. Paul Wolfowitz, o Secretário de Estado Adjunto da Defesa dos EUA, desenvolveu a doutrina militar estratégica desenvolvida depois dele entre 1994 e 1999, que consistia essencialmente no facto de os EUA não deverem continuar a tolerar um concorrente militar emergente em quaisquer circunstâncias. Havia apenas uma superpotência, os EUA, e tinha de continuar assim. O cientista político, sociólogo e filósofo norte-americano Francis Fukuyama chegou mesmo a falar do fim da história.

Os EUA tinham ganho definitivamente, mas o orgulho vem antes da queda. Nessa altura, a Rússia encontrava-se numa situação deplorável, o imenso país estava completamente aterrado do ponto de vista socioeconómico após o desmembramento da União Soviética e os oligarcas norte-americanos estavam a pilhar o país dos seus recursos naturais, reinava a anarquia total em que os bandos de gangsters aterrorizavam o país e o exército e o governo russos estavam à beira da morte.

A China estava apenas a começar, nessa altura, com a revolução económica de Deng Chao Ping e ainda não representava muito em termos económicos e militares. «No tabuleiro de xadrez geopolítico de Brzezinski, a Rússia deveria ser preferencialmente cortada em pedaços e, no final do século XX, poucos poderiam adivinhar que a Rússia se ergueria como uma esfinge das cinzas sob a liderança do Presidente Putin e que a China se tornaria uma potência económica global a uma velocidade vertiginosa.

Os exércitos da Rússia e da China são agora também de classe mundial e podem igualar os dos EUA, que gastam 1 trilião de dólares quase todos os anos na sua máquina de guerra e continuam a apresentar-se como o polícia do mundo, especialmente nos países ricos em terras e combustíveis valiosos ou com uma localização estratégica importante. As metamorfoses da Rússia e da China deram origem a grandes tensões geopolíticas desde 2014.

Embora a política externa dos EUA, desde o Presidente Nixon, sempre tenha sido a de separar a China e a Rússia, uma política agressiva de expansão dos EUA desde o início deste século conseguiu exatamente o oposto, a Rússia e a China têm agora uma aliança sólida e mantêm boas relações (económicas) e o mesmo se aplica cada vez mais à Índia. A política externa dos EUA para a Europa pode resumir-se essencialmente ao seguinte: manter a Alemanha pequena, a Rússia fora e os EUA dentro da Europa.

Especialmente na última década, a UE e os países europeus que lhe estão associados têm-se comportado cada vez mais como vassallos dos EUA. Por volta do início deste século, tive a breve expectativa de que a UE definiria o seu próprio rumo (externo e económico) e abriria as suas asas na cena mundial, mas isso revelou-se uma ilusão. A explosão dos gasodutos Nordstream pelos EUA em setembro de 2021 foi para mim um ponto baixo absoluto, especialmente a atitude autodestrutiva e dócil do Chanceler alemão Olaf Scholz, que renegou os interesses alemães.

A economia alemã já está a sofrer enormes danos e as consequências deste ato terrorista irão repercutir-se durante décadas, porque este gigante económico industrial simplesmente não pode prosperar sem os combustíveis fósseis baratos da Rússia. Nunca vivi numa época em que a propaganda cega dos principais meios de comunicação social fosse tão desenfreada como agora, face a uma guerra por procuração na Ucrânia.

Slogans bonitos como a luta pela democracia, uma ordem baseada em regras, são, se olharmos de perto, na realidade, conchas vazias, para além do facto de as regras se aplicarem principalmente aos outros, mas não a nós próprios no Ocidente. Podemos alterar estas regras à vontade e unilateralmente, e o Ocidente aplica continuamente dois pesos e duas medidas.

A hipocrisia da política externa desse Ocidente é evidente e ninguém, nem mesmo as elites políticas do próprio Ocidente, conhece as regras dessa ordem baseada em regras, que é constantemente referida. As regras do direito internacional, estabelecidas após a 2ª Guerra Mundial, são sistematicamente ignoradas por esse mesmo Ocidente. Isto não passou despercebido aos países não ocidentais (80% da população mundial), que agora se afastam em massa do Ocidente e gostariam de se juntar aos chamados países BRICS, que se tornarão uma grande aliança económica nas próximas décadas e rivalizarão tanto com os EUA como com a UE.

O que eu tive dificuldade em avaliar após a revolta de Maidan em Kiev, em 2014, foi o preço que a Rússia estava disposta a pagar por uma intervenção militar, se eram militarmente fortes o suficiente para tal operação ou se precisavam de modernizar o exército primeiro ou se a Rússia iria optar por uma solução diplomática para poupar a sua relação com o Ocidente.

Na altura, quando informei a família e os amigos de que a situação na Ucrânia poderia agravar-se, devem ter-me achado louco. Em primeiro lugar, a maioria das pessoas nos Países Baixos nem sequer sabia onde se situava a Ucrânia no mapa, e muito menos sabia alguma coisa sobre a sua história e a sua posição no plano diretor da(s) nova(s) Rota(s) da Seda. Ucrânia significa literalmente fronteira e, durante milénios, essa zona foi o principal corredor entre o Oriente (Ásia) e o Ocidente (Europa).

De acordo com a minha experiência, não é, portanto, coincidência que tenha sido precisamente aí que todos os problemas eclodiram em 2014. Ao longo da sua história, a Rússia foi alvo de várias invasões, tanto por parte da Ásia Central (hunos e mongóis) como da Europa (polacos, franceses e alemães), uma vez que o caminho para a Rússia não tem barreiras naturais. Grande parte da Ucrânia fazia parte dessa Rússia maior e só em 1991 é que a Ucrânia se tornou um país independente com uma grande minoria russa (1/3), principalmente nas antigas zonas russas do Leste e do Sul do país.

Quando o meu livro estava mais ou menos pronto para ser publicado, em meados de dezembro, o Presidente Putin emitiu o que eu considerei ser um ultimato muito claro ao Ocidente, traçando uma linha na areia relativamente à entrada da Ucrânia na NATO. Já desde 2007, Putin tinha afirmado inúmeras vezes, em termos inequívocos, que a inclusão da Ucrânia na NATO era uma linha vermelha que a Rússia não podia aceitar em circunstância alguma e que a expansão ilimitada da NATO em direção à Rússia era contrária aos compromissos assumidos pelo Ocidente em 1991 e nos anos seguintes. As actas dessas conversações registaram esses compromissos, mas não formalmente num tratado.

Em direito, o adágio faz com que os acordos (incluindo os verbais) cheguem às partes como lei, mas no caso dos legítimos interesses de segurança da Rússia, isso não parece aplicar-se aos olhos do Ocidente, o que, na minha opinião, trai um sentimento de superioridade por parte do Ocidente e faz fronteira com uma forma de racismo. O Presidente Putin propôs uma nova estrutura de segurança no final de 2021 que incluiria os interesses estratégicos da Rússia e manteria a Ucrânia neutra.

Será que isso era assim tão descabido? Olhem para o mapa de 1991 e para o mapa de hoje e vejam quais os países que rodeiam a Rússia que aderiram à NATO. Como a Ucrânia se tinha revelado o corredor ideal em todas as invasões russas, devido à falta de obstáculos naturais, a adesão à NATO desse país não era uma opção estratégica para a Rússia, para além do facto de ser previsível a colocação de armas de destruição maciça a poucos minutos das principais cidades russas.

A sua oferta foi rejeitada sem rodeios e de forma extremamente arrogante, e agora conhecemos as consequências. A Ucrânia está definitivamente perdida, lamenta agora mais de 500 000 soldados mortos e está economicamente devastada, também porque a maior parte do rendimento nacional era obtida nas zonas conquistadas aos russos no leste do país. Na versão de dezembro de 2021 do meu livro, eu tinha previsto um crescimento constante mas gradual da Eurásia, mas em meados de dezembro de 2021 tornou-se claro para mim que tudo estava a acelerar à velocidade da luz e decidi suspender este livro até nova ordem e não o publicar.

Durante 2 anos, acompanhei de perto os desenvolvimentos geopolíticos e tinha duas opções: ou nunca mais publicava o livro sobre o impacto geopolítico da(s) Rota(s) da Seda, devido ao seu ritmo alucinante e às suas reviravoltas imprevisíveis, ou continuava a publicar o guião atualizado, sabendo que poderia ser facilmente ultrapassado pela realidade. Optei por esta última opção.

Nos últimos anos, foram escritos belos livros sobre a(s) nova(s) Rota(s) da Seda, que tratam principalmente dos planos substantivos em termos geográficos, infra-estruturais, técnicos e económicos. Não é disso que trata essencialmente este livro. O tema central deste livro é o que esta derrocada geopolítica pode significar para nós, no Ocidente, e qual poderá ser a estratégia mais sensata, para além de nos envolvermos cega e emocionalmente na luta armada com as potências e os países emergentes do mundo, reclamando a sua posição de direito após séculos de colonização e exploração por esse Ocidente. Não subestimem os sentimentos residuais nesses países!

Ao contrário dos EUA, não vejo atualmente provas concretas de que países como a China, a Índia e a Rússia procurem o império, queiram impor a sua vontade aos outros e muito menos que a queiram impor militarmente. Querem simplesmente fazer comércio e aumentar a sua riqueza. Também não sou da opinião de que a Rússia queira conquistar militarmente (partes da) Europa. Ouço esta ideia-fixa desde os meus tempos de escola. A Rússia nem sequer tem capacidade e recursos militares para o fazer.

Em contrapartida, é mais provável que a Rússia se afaste completamente do Ocidente porque há muitas oportunidades económicas no Leste. A Rússia não precisa de todo do Ocidente. A ânsia de numerosos países, incluindo em África e na América Central e do Sul, de se juntarem aos BRICS é tão grande que o Ocidente tem de pensar duas vezes se a sua atitude arrogante, prepotente e hipócrita em relação a 2/3 da população mundial é agora tão inteligente.

Nós, no Ocidente, subestimamos continuamente os seus talentos técnicos e económicos e sobrestimamos os nossos. Enquanto os EUA e a UE se concentram principalmente em sanções económicas totalmente contraproducentes contra a Rússia e no fornecimento obscuro de armas à Ucrânia, sem qualquer perspectiva de sucesso militar, os (aspirantes a) países BRICS forjam construtivamente uma aliança económica após outra e concentram-se principalmente no reforço das infra-estruturas entre eles, explorando oportunidades económicas e reforçando as suas relações diplomáticas, com base na igualdade.

Esta mentalidade e energia positivas contrastam fortemente com a nossa atitude destrutiva. Este novo vento geopolítico parece apelar tão fortemente aos desejos e sentimentos de numerosos países que muitos países de África e da América do Sul e Central também mostraram um sério interesse em fazer parte deste novo mundo multipolar. As pessoas estão completamente fartas de séculos de dominação e de encolhimento moral do Ocidente. Conhece-te a ti próprio, diziam os antigos sábios gregos.

Nós, no Ocidente, com os EUA à cabeça, somos desprovidos de qualquer autorreflexão e empatia para com os dissidentes e chegamos mesmo ao ponto de nos caracterizarmos, através do Comissário Europeu Borrell, como o jardim do Éden contra um bando de países atrasados que fazem parte de uma selva imaginária. Desligarmo-nos da realidade é absolutamente arriscado. Falta uma análise ambiental sólida.

O orgulho vem antes da queda e, de facto, essa imagem negativa é completamente falsa. É o destino de todos os imperialistas. Lutam, inovam e atingem o auge, ganham muitas riquezas, tornam-se preguiçosos e (mentalmente) indolentes, entram em declínio sem se aperceberem e, depois, perdem para potências emergentes e mais impulsionadas (inovadoras) que os ultrapassam em todos os aspectos.

Quando olho para a história, digamos, dos últimos 5.000 anos, vejo sempre o mesmo padrão. Os Estados Unidos também estão a passar das marcas, económica, financeira, moral e militarmente, mas não querem ver nem aceitar isso, tal como os britânicos não o fizeram a partir da Primeira Guerra Mundial<sup>e</sup>. No nosso país, temos uma simpatia irracional pelos EUA não baseada em factos e seguimos os EUA em quase tudo.

A maior parte das pessoas tem a ilusão de que os EUA ganharam a Segunda Guerra Mundial<sup>e</sup> mas nada poderia estar mais longe da verdade, foi a antiga União Soviética que derrotou a Alemanha nazi e com um sacrifício humano de mais de 27 milhões de cidadãos soviéticos, em comparação com 430 000 americanos, a maior parte dos quais morreram no Sudeste Asiático. O marketing foi inventado nos EUA e as pessoas são excelentes em argumentos de venda, em narrativas giratórias e os principais meios de comunicação social, aqui e ali, não estão muito interessados na realidade e nos factos, mas em gerir a realidade percebida pelo público.

É certo que já não existe jornalismo de investigação pluralista no meu país, mas isso é essencial para o bom funcionamento de uma democracia. Apesar de pretendermos educar cidadãos independentes e com pensamento crítico, estes meios de comunicação social acreditam que têm de prescrever a narrativa e repeti-la incessantemente. Qualquer pessoa que dê um passo fora da caixa será sujeita a coerção de grupo (digital), (auto) censura, expulsão e exclusão.

É difícil para mim avaliar se podemos sequer começar a travar a maré de declínio grave do Ocidente, neste momento, depois do fiasco da guerra por procuração na Ucrânia, porque vejo poucos indícios de qualquer autorreflexão ou consciência ambiental, especialmente entre as elites políticas, que, aliás, nunca foram de uma qualidade intelectual tão deplorável na minha vida. Ainda assim, considero que vale a pena, pelo menos, explorar, refletir e considerar um rumo diferente.

Se não o fizermos, então, para mim, uma 3ª Guerra Mundial não é uma questão de saber se vai acontecer, mas sim quando vai começar. Dada a rapidez dos desenvolvimentos geopolíticos actuais, tenho algumas reservas quanto ao prazo de validade das minhas análises que se seguem. Segundo alguns, a 3ª Guerra Mundial já começou e, tal como a 1ª e a 2ª, começou com um conflito local que se expandiu regional e globalmente.

É um dado adquirido em historiografia, que não se pode ter a certeza da exatidão das análises até que a poeira assente e se tenham passado pelo menos 10 anos. Porque deposito as minhas esperanças no bom senso do público e não no comportamento inimitável das elites políticas, tornei este livro tão acessível quanto possível a um vasto público, porque valorizo mais o bom senso do que a sabedoria tecnocrática das salas de estudo.

## Capítulo 1 INTRODUÇÃO

Vivemos numa época em que qualquer pessoa que realmente queira pode aprofundar numerosos temas e ciências. Com bom senso lógico e uma certa base crítica, pode ir-se muito longe. Muitas pessoas não estão nem nunca estarão interessadas na história e na geopolítica (mundial). Outras confiam apenas nos relatos dos principais meios de comunicação social e, infelizmente, esses relatos estão repletos de propaganda, lacunas e disparates factuais.

Apenas um lado de uma questão é destacado, faltando qualquer nuance e o leitor é mais ou menos forçado a escolher entre os bons (que somos nós, no Ocidente) e os maus (que são todos os países que se atrevem a seguir um rumo diferente e a desafiar o Ocidente). É claro que o mundo não é assim tão preto e branco, mas a maioria dos cidadãos parece achar esta simplicidade confortável e baseia as suas opiniões nela, não está disposta a aprofundar o assunto ou simplesmente não tem tempo.

Segundo o escritor americano Mark Twain, a história não se repete (exatamente), mas rima. O historiador e filósofo italiano Giambattista Vico reconheceu certos ciclos na história da humanidade e eu posso simplificá-los muito mais. Os impérios vêm e vão, conhecem o seu tempo de florescimento, consolidação e declínio até ao fim do seu império. Para mim, é óbvio que os EUA estão em declínio em todos os domínios possíveis.

No entanto, isto não acontece sem grandes tensões ou conflitos (globais). Muitas das notícias que chegam aos cidadãos podem ser atribuídas a este tipo de fricções, quer se trate da guerra por procuração na Ucrânia, das tensões fingidas entre a China e Taiwan ou mesmo dos motins no Cazaquistão, na Geórgia ou no Kosovo. Todos eles são convulsões da hegemonia em declínio dos EUA.

Os impérios do mundo tornam-se arrogantes, complacentes e são vítimas do seu próprio sucesso. Sempre foi este o caso. As relações geopolíticas (de poder) têm vindo a mudar drasticamente nos últimos anos e só se aceleraram após a guerra por procuração provocada pelos EUA na Ucrânia, também porque se tornou claro para muitos países do mundo que jogos de poder estão a ser jogados pelo Ocidente em seu desfavor.

A autoconsciência e o desejo de maior soberania e autodeterminação também estão a crescer em África, na América do Sul e Central e na Ásia. No Níger, a França está a ser expulsa e as ilhas do Pacífico estão a ousar estabelecer parcerias com a China em vez de com os EUA. O entusiasmo pelos países BRICS é grande e o número de membros aumentou recentemente de forma substancial. Embora as pessoas e as culturas possam ser muito diferentes umas das outras, ninguém quer ser dominado por outros. Este é um facto universal.

Durante esse processo de auto-consciência, temos também tendência a olhar para o passado e, em especial, para a história dos últimos 250 anos. Após a revolução industrial, os britânicos dominaram o mundo e criaram um império onde o sol nunca se punha. Até à 1ª Guerra Mundial, os países da Europa Ocidental, em particular, competiram por colónias ricas em recursos em África e na Ásia.

Após a 2ª Guerra Mundial, os EUA substituíram os britânicos, embora de uma forma mais sofisticada, em que o dinheiro, a chantagem, a coerção e, eventualmente, as mudanças de regime ou as intervenções militares se tornaram os principais instrumentos. Durante esse período, os EUA realizaram 72 intervenções (militares) e impuseram sanções económicas a numerosos países. Estamos em vésperas de um importante ponto de viragem na história, com países como a China, a Rússia, a Índia, o Brasil e muitos outros países frequentemente ricos em recursos a reclamarem a sua legítima posição na cena mundial.

Não vou romantizar este desenvolvimento e a situação nesses países, porque essa é uma armadilha que se esconde neste tipo de derrocada geopolítica, mas o Ocidente faria bem em aprender a ouvir melhor esses países e a dizer adeus à sua própria arrogância, a fim de desempenhar um papel significativo a nível global no futuro. Neste momento, o Ocidente não está a ouvir os argumentos e os motivos destes países.

Neste momento, os presságios não são propriamente favoráveis. A arrogância, o pedantismo e a complacência são males persistentes. A ideia de que nós, no Ocidente, somos melhores em tudo é estupidamente falsa. Já foram escritos muitos livros sobre países como a China, a Rússia e a Índia. Não vou repetir nem tentar melhorar isso neste livro. Nos últimos anos, foram também escritos excelentes livros sobre a antiga e a nova Rota da Seda.

Também gostaria de fazer referência a esse facto. Espera-se que o leitor interessado procure ele próprio estas fontes através da Internet em 2023, forme uma opinião equilibrada e separe o trigo do joio (porque também há muitos disparates e imprecisões factuais). Este livro tenta rapidamente dar ao leigo um esboço geral do campo de forças geopolíticas em mudança, que também poderá alterar drasticamente as nossas vidas no Ocidente nos próximos anos.

Pode não estar interessado em geopolítica, mas a geopolítica está interessada em si. De facto, o plano diretor chinês para a Eurásia é um megaprojeto infraestrutural destinado a fazer negócios nesta maior massa de terra do mundo, onde, como já foi referido, vive 2/3 da população mundial. Este megaplano distingue-se da hegemonia norte-americana por não querer impor ou impor normas, valores e uma monocultura aos países participantes, e é precisamente isso que aparentemente agrada a muitos.

Há também um forte impulso entre esses países para criar um novo sistema monetário e sair do jugo do dólar (Petro), no qual se baseia uma parte significativa do poder e da prosperidade dos EUA desde a década de 1970. As pessoas estão fartas de Wall-Street e da City de Londres porque o (Petro)dólar é regularmente utilizado de forma abusiva pelos EUA para fins políticos não monetários, o que, evidentemente, é desastroso para a confiança numa moeda. Não só o dólar, mas também instituições dominadas pelos EUA, como o Banco Mundial e o FMI, são um espinho para os outros países.